

nuir, de decênio a decênio, a resistência interior, assentada sobre a qualidade. As revoluções se tornaram crônicas, mas não mudaram nada. Os tipos que se sucediam uns aos outros se pareciam entre si, principalmente por sua força de vontade. Recorriam também aos mesmos grandes lemas, como a uma espécie de fogos de artifício, que abafavam os agudos estampidos dos tiros.

De qualquer modo, e apesar de ter assumido algumas características sul-americanas, o Condor lembra os antigos tiranos porque é um homem de bom gosto. Como soldado, não leu muito; mas tenta preencher esse vazio e gosta de convidar ao alcácer artistas e filósofos, assim como cientistas e artesãos inteligentes. Tirei bom proveito deste pendor, pois consegui que me instalasse um luminar de alto custo.

Confesso que certas noites desfruto no bar de reminiscências de Sícion, Corinto e Samos, mas sobretudo da Siracusa dos antigos potentados. As interconexões de nível mundial acarretam, entre outras, a consequência de destacar os grandes "solitários", os talentos que não estão ligados a um lugar ou a determinada tradição. Destacam-se na planície como "picos isolados". É verdade que assim não se pode formar um estilo. Não há nenhum encontro, nenhum intercâmbio entre iguais em nível superior, nem policrômicas salas de colunas, nem laboratórios de mestres. Às vezes, é como se a tensão superficial se descarregasse em uma bola de fogo.

Quase desvinculado de qualquer lugar e qualquer época, o indivíduo que tem valor adquire liberdade de movimento. Os pequenos e grandes potentados tentam amarrá-los. Querem ter grande sortimento de tais homens. O Cã Amarelo prefere as mentes planejadoras, arquitetos para seus palácios asiáticos; seu antagonista tende mais para os artistas e metafísicos.

Podemos vê-los também em Eumeswil, embora não permanentemente, mas como convidados excepcionais, fazendo parte das comitivas ou ainda de passagem para outros lugares. De qualquer modo, tenho o bastante nas conversas entre o Condor, Átila e o Domo. Aliás, também os mancebos, quando lhes dirigimos a palavra, dão às vezes respostas assombrosas. Lembram-me os pajens de cabelos lisos, cujos perfis parecem recortados em cornalina. Depois frequentemente reaparecem ocupando postos importantes.

Um diádoco posterior, então? Não é em vão que vivemos em Eumeswil. Deste Eumenes disse um historiador que lhe faltava uma das qualidades imprescindíveis do diádoco típico: a perversidade. Poder-se-ia dizer o mesmo do Condor. Falta-lhe também a crueldade, que lhe repugna.

Por isso me pergunto por que não atino com uma comparação satisfatória. A culpa deve ser da diluição, como quando numa beberagem se põem sempre em infusão as mesmas folhas. Vivemos de uma substância orgânica exaurida. As crueldades dos antigos mitos, Micenas, Persópolis, os velhos e jovens tiranos, os diádocos e os epígonos, a queda do Império Romano do Ocidente e depois do Oriente, os príncipes renascentistas e os conquistadores, e sobretudo a palheta exótica, desde Daomé até os astecas... é como se os motivos se tivessem desgastado e já não fossem suficientes para as façanhas nem para as atrocidades, mas quando muito para pálidas ressonâncias.

Como historiador, sei evitar esta impressão, ao mover-me através da história como em um museu de pintura de cujas paredes pendem obras-primas, com as quais me familiarizei em meus estudos. Mas